

# A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV—SÉRIE II

N.º 12 (102)—3-6-923

PREÇO: \$20—AFRICA \$25—ESTRANGEIRO \$40

Redactor principal:  
Manoel Joaquim de Sousa  
Editor:  
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA  
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO  
CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:  
José Rodrigues Reboredo  
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 35

## DUAS VÍTIMAS...

O industrialismo rapace é uma reminiscência vívida do reaccionarismo jesuítico. Assim, o ódio tórvo, o ódio inquisitorial que esse industrialismo nutre contra os operários mais activos, conscientes, revolucionários; contra os operários que procuram, à custa de mil esforços e canceiras, despertar, no íntimo dos seus irmãos de trabalho e de sofrimento, aquele espírito de associonismo, de solidariedade e de revolta contra as péssimas condições económicas que lhes criou uma sociedade tirânica e despótica, — é um ódio tam nítido e tam irritante, que não tem equivalente possível. Nesse ódio, o industrialismo apresenta todas as características da sua maldade e da sua vilania.

O código por que se rege esse industrialismo, chama a esse ódio, um ódio santo. Será. É provável, mesmo, que o seja. Porque a santidade está na razão inversa da revolta. O homem que menos se revolta, que aceita, resignadamente, aquilo que as classes dominantes lhe querem fazer, porque crê nos absurdos, nos dogmas, nas hipocrisias e nas infâmias de todas as religiões, é um santo: o industrialismo apresenta-o como um exemplar... da subserviência e do sabujismo. Ao passo que aquele que se revolta, porque se quer emancipar, emancipando, simultaneamente, o género humano, é um maltrapilho! E para o desprestigiar no conceito público, o industrialismo serve-se de tudo, desde a adjectivação mais baixa e mais repelente, até à perseguição sistemática.

Estas considerações acudiram-nos à mente, na ocasião em que lemos, a semana passada, o relato circunstanciado do assassinato dum industrial em Lisboa. E confessamos: quando acabamos de ler as palavras, com que é de uso e costume

os plumitivos da imprensa diária descrever, *emocionadamente*, casos tais, sentimos um frémito de horror e de indignação, não pelo acto consumado, mas pelas causas acidentais ou remotas que o determinaram...

A sociedade capitalista, que tem uma moral para seu uso exclusivo, diz-nos, frequentemente, que a vida humana é sacra. Sim, na verdade a vida humana é sacra; mas, da *amplidão* dessa vida, está excluída a vida dos trabalhadores conscientes.

Para os donos e senhores desta sociedade, os operários, os que são, verdadeiramente, a fonte da vida — porque produzem tudo quanto lhe é necessário — só podem ser homens, só podem ter *direito à vida*, se não se revoltarem, se não reclamarem aquilo que, incontestavelmente, lhes pertence.

António Nunes Canha, não estava neste caso. O seu trabalho, péssimamente pago, rendia pingües benesses ao industrialismo rapace. Mas, a ele, deixava-o na miséria. Que fazer? Reclamar mais uns centavos, na doce esperança de afastar os horrores da sua miséria... por alguns dias. E assim fez. Mas, a resposta do industrialismo foi concludente: rua com o reclamante.

Despedir um operário, porque reclamou melhoria de situação, é, nestes tempos que correm, colocar-lhe, na frente, o selo maldito da perseguição sistemática. É fechar-lhe todas as portas; é condená-lo ao sofrimento doloroso, àquele sofrimento que é um princípio de loucura; é matá-lo à fome lenta, cerceando-lhe o trabalho...

António Nunes Canha, recebeu a infáusta notícia com a serenidade dum apóstolo. A primeira impressão que esta palavra — despedido — nos deixa nos ouvidos, é passageira, porque é pronunciada com a rapi-

dez do relâmpago. Mas, depois, é que sobreveem as consequências.

O operário principia a correr a *via-sacra* em demanda do pão. Respondem-lhe, quase sempre, com evasivas. Chega a casa e olha para as quatro paredes, nuas e esburacadas; olha para os filhos — para aqueles lírios brancos a desfolhar para a vida, e chora!... Chora por não ter que lhes dar... Chora porque vê nelas as futuras vítimas duma perseguição infamante. E se alguma dessas crianças lhe pede, humildemente, um bocado de pão, porque tem fome, apodera-se dele o desespero...

Um homem desesperado, é um louco, porque não é senhor de si. E, nestes casos, a loucura é sempre prejudicial. Que há a esperar destes momentos de alucinação? Um acto trágico. E tam trágico foi o acto da vítima a que nos referimos, que se presta a um sem número de considerações.

Nós, que temos, pela vida humana, um conceito elevadíssimo, não o aplaudimos; mas também não o condenamos. O que condenamos, e isso fazemo-lo abertamente, são as causas que o determinaram.

A rapacidade e a perseguição industrial prepararam o acto de que o braço de Nunes Canha foi o executor. Sem a rapacidade e sem a perseguição, não surgiria a morte, não haveria vítimas.

Mas, desde que o facto se deu, desde que a miopia capitalístico-industrial persegue, calunia, explora e mata, que havemos de fazer? Todos os actos teem as suas determinantes. E desde que essas determinantes se manifestam, segundo o temperamento dos indivíduos, combatamo-las com vigor e com energia, para não termos de chorar sobre os cadáveres que vão apodrecendo na vala comum, nem vertermos lágrimas de desespero emotivo ao olharmos para as vítimas, através das grades duma prisão sinistral...

Ao industrial que morreu,

nada temos a fazer: foi vítima do seu ódio impensado, do seu ódio tórvo, o que é deveras lamentável; mas, pelas vítimas que ficaram, por essas vítimas que se debatem, agora, no horror da miséria, devemos fazer tudo quanto possamos, fornecendo-lhes, especialmente, os meios de subsistência, para que, a uma vítima consciente, não se vão juntar algumas vítimas inocentes. Salvar, portanto, os filhos de Canha da morte pela fome, é um dever que se impõe a toda-a-gente de sentimentos elevados e de coração generoso. E, assim, abram-se subscrições, *quêtes*, para que a essas vítimas do ódio industrial não falte o pão, o conforto, a que teem incontestável direito...

## ANTOLOGIA

### O bom católico

Toda a vida do bom católico, e os seus pensamentos, as suas ideias, os seus sentimentos, as suas palavras, o emprêgo dos seus dias e das suas noites, as suas relações de família e de vizinhança, os pratos do seu jantar, o seu vestuário, e os seus divertimentos — tudo isto é regulado pela autoridade eclesiástica (abade, bispo ou cônego), aprovado ou censurado pelo confessor, aconselhado e ordenado pelo director da consciência.

O bom católico não se pertence; não tem razão, nem vontade, nem arbitrio, nem sentir próprio; o seu cura pensa, quer, determina, sente por ele. O seu único trabalho neste mundo, que é ao mesmo tempo o seu único direito e o seu único dever, é aceitar esta direcção: *aceitá-la sem a discutir; obedecer-lhe, dê por onde der; se ela contraria as suas ideias, deve pensar que as suas ideias são falsas; se ela fere as suas afeições, deve pensar que as suas afeições são culpadas.*

(Do Crime do padre Amaro)

EÇA DE QUEIRÓS.

# A CONCEPÇÃO ANARQUISTA DA REVOLUÇÃO SOCIAL

**AS REVOLUÇÕES POLÍTICAS TRAZEM SEMPRE UMA NOVA GRILHETA — A CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL TORNARÁ O HOMEM COMPLETAMENTE LIVRE**

Tendo a civilização burguesa chegado ao seu ocaso, dois caminhos se lhe deparam — ou evoluciona regressivamente ou transformar-se.

Por vontade dos dirigentes ela adoptaria o primeira dilema; mas, como eles não são a humanidade e como nesta predomina o espírito progressivo, a sociedade terá de reformar-se — apesar de tudo.

A evolução mental dos povos que os conduziu à idealização duma nova civilização, caracterizada, especialmente, pelo despertar dos oprimidos, é a Revolução Social.

Ela tem por base o princípio da liberdade do indivíduo e seu livre desenvolvimento sem espécie alguma de coacções.

Porém, sempre que uma ideia nova se pretende pôr em prática, há logo quem a ache arrojada e quem, por interesses especiais, não lhe confvenha que ela frutifique.

E assim foi possível o aparecimento, entre nós, dos desprezíveis meios termos que tem interesse em que o princípio de liberdade não atinja toda a sua plenitude.

Desta maneira, partidos políticos, sociais democratas e neo-marxistas, agitam bandeirinhas e mostram-nos programas de reformas, que nos trazem a felicidade e a liberdade ao domicílio, por meio duma Revolução, muito sua, mas que dizem ser social.

Os neo-marxistas, especialmente, — porque os sociais democratas já perderam mais essa mania — dizem ser o seu sistema, meramente transitório, um meio — o mais eficaz, — para se chegar ao fim.

E muito convictos da sua obra, dizem fazer a Revolução Social!

Porém, nós não lhes reconhecemos o direito de tal afirmação. A Revolução Social, não poderá produzir-se automaticamente, mas sim espontaneamente. E de resto ela não poderá ser obra dum grupo, dum partido ou duma seita, cujo fito reside em instalar-se no poder, e ditando a transformação da sociedade por decretos.

Lógicamente, os anarquistas, não consideram isso uma Revolução Social, mas sim uma revolução política, como tantas outras que a história nos diz.

Uma revolução dessa natureza, instituidora dum regime político, embora com laivos de socialismo, é exclusivamente uma adaptação do Estado às aspirações libertárias dos povos. E é ao mesmo tempo um freio à torrente caudalosa da evolução, que nunca pára, pretendo assim esses políticos, já por senilidade, já por ambições e vaidades, refrear os ímpetos duma humanidade que se precipita no caminho da Verdade e da Luz.

O papel que esses partidos se propõem desempenhar foi o mesmo que desempenharam as monarquias liberais que se antepuzeram às Repúblicas, que marchavam, e é o mesmo que estão desempenhando as Democracias, que com reformas e promessas, pretendem entrar o avanço da ideia de liberdade.

O comunismo-autoritário ou a social democracia são as imunidades ante-câmaras da Revolução.

Com um desplante que enoja, os comunistas ou neo-marxistas, pretendem fazer da Revolução um monopólio, de que eles são os únicos detentores; e todos quantos não afinem pelo mesmo diapasão, são contra-revolucionários.

Afinal anti-revolucionários são eles, porque a Revolução Social não é a mudança dum governo por outro, que embora tenha programas radicais, perpetua da mesma forma o existente.

Essas revoluções são meros incidentes da verdadeira revolução, incidentes que poucos ou nenhuns benefícios trazem à humanidade.

E a Rússia serve-nos de frizante exemplo.

Só os anarquistas tem a verdadeira concepção da Revolução Social.

Para estes, ela está-se operando lentamente,

A sua verdadeira concepção é a transformação evolutiva da mentalidade dos povos, que destrói os preconceitos religio-

so, políticos, sociais, morais e autoritários. E' a ância de viver livremente, manifestada pela revolta contra a opressão; é a renovação dos costumes, dos caracteres; é a criação duma moral que individualiza o homem e o impelle a acabar com tudo o que pretende oprimi-lo.

Duma maneira geral, é a criação do Eu nos indivíduos, tornando-os livres, aptos a guiar-se na vida sem auxílio de pastores, abolindo, por fim, toda a autoridade.

Isto é que é a Revolução Social, que está em marcha e que so parará quando, da terra, houver, desaparecido, completamente, toda a espécie de autoridade e o homem possa enfim evoluir livremente.

Agora supondo que quando a acção evolucionista tiver neutralizado os efeitos deletérios da sociedade actual ou ainda quando circunstâncias acidentais, superiores às nossas previsões, indicarem aos anarquistas que devem ir para a revolução violenta, julgam, acaso, que se chegou à meta?

Não! Ela só terminará com a queda de todo o espirito autoritário; e, de princípio, teremos mesmo de lutar bastante para o abolir, até que pela razão o conseguiremos.

E' preciso também notar que um estado anárquico, no seu início, nada terá do Eden que sonhamos; mas purificar-se há com o próprio meio ambiente — porque o meio fez o indivíduo e o indivíduo fez o meio.

Só na prática se conseguirão os bons resultados que desejamos.

E então iniciar-se há a revolução filosófica, posterior à revolução e que será o complemento desta.

Demonstrado que a verdadeira concepção da Revolução Social é anarquista, demonstrado fica também que qualquer agrupamento político a não poderá fazer, pois ela não se faz dentro do Estado, mas fora d'ele, demolindo-o.

E' uma ingenuidade grotesca o prometer liberdade aos povos, encafuando-se dentro dum organismo coercitivo, que é o Estado. Como se ele se deixasse assim levar ao suicídio...

Desprezemos os reles políticos, charlatães audaciosos, e tratemos de nos emancipar moral, social e intelectualmente, não lhes confiando o trabalho da nossa Felicidade.

«*Façamos nós, por nossas mãos, tudo o que a nós nos diz respeito.*»

JOSÉ PIRES DE MATOS.

## Do que se sabe

**OS "SOBERANOS," DÃO-SE AS MÃOS**

O rei e a rainha de Inglaterra, foram visitar o rei e a rainha de Itália, e, ao mesmo tempo, como bons protestantes, visitaram também o Papa, rei dos católicos...

Estas visitas, como sempre são cordialíssimas, e os representantes ou o mandatário dos executores da Irlanda, Africa do Sul ou Egipto, certamente foram visitar na maior e na mais acrisolada das simpatias os varredores da ameaçadora «tirania vermelha» que ameaçava a Itália.

Pois quê: Como se admite que a famosa monarquia liberal, apontada como sendo melhor do que qualquer das mais democráticas repúblicas, vá neste momento cumprimentar o país do terror e do crime? Vejam esta lista:

«No primeiro outono de terror — 1920 — foram assassinados 136 operários e camponeses, e 214 feridos; 69 sedes de Sindicatos e de agremiações socialistas foram destruídas; 85 cooperativas saqueadas; 12 jornais suprimidos e o edificio do «Avanti» atacado e queimado.»

«Em 1921 foi assinada uma trégua entre fascistas e socialistas, mas o efeito foi nulo, porque os fascistas intensificaram a sua campanha, e no segundo semestre e no princípio de 1922 mais de 1.000 pessoas, na sua maioria operários, foram assassinados pelas tropas de Mussolini. Mais de 1.000 incêndios, mais de 500 saques, marcaram a obra dos fascistas nos 18 meses que antecederam a sua posse do poder.»

«Uma dúzia de diários foram suspensos e destruídos, desde o anarquista *Umanità Nova* até ao liberal *Paese*.»

Ora, foi aos autores desta obra que os reis de Inglaterra, foram cumprimentar e dar a sua solidariedade. Quando é que os operários darão as mãos e se tornarão solidários para se oporem à civilização nefasta e negativa dos seus tiranos?

**COMO SE DISPOE DOS POVOS**

A visita dos reis de Inglaterra aos reis de Itália e ao Papa, não revela apenas as boas relações existentes entre os donos do mundo, nem também a

córja dos bull-dogs e fascistas que pelo ósso que roem vão defendendo e guardando os seus amos. Esta visita pôs-nos a nú maior infâmia: a maneira como eles dispõem de tudo e de todos; como eles cedem, *conquistam*, vendem, compram, territórios e respectivas populações. Pois é verdade; os reis de Inglaterra ofereceram aos reis de Itália a Jubalândia, na colónia de Kenya, que a Itália já desejava como compensação pelos ganhos territoriais conseguidos pela França e pela Inglaterra em Africa. «Os habitantes da Jubalândia, diz-nos o nosso informador, é claro que não são consultados». Pois é claro que não. Isso já nós sabemos. E assim será até que os povos se decidam a proceder sem consultar os seus amos e até a passar por ignorar todos os amos, por mais soberanos que sejam.

M. H.

## Grande novidade!

*Diz-nos A Batalha de domingo penúltimo, que o sr. Manuel Ribeiro — que foi, e não sabemos se ainda é, o expoente máximo, do comunismo-autoritário, em Portugal — foi a Roma entrevistar o Papa. Sem receio de desmentido, podemos afirmar que fez bem. E fez bem porque, dada a sua evolução na literatura-religiosa, que é a literatura de caranguejo, só o Papa — aquele prisioneiro do Vaticano que faz mais mal ao mundo do que uma epidemia — é que lhe pode fornecer matéria abundantíssima para o novo livro que tem entre mãos, ou entre pés.*

*Na opinança dos escritores de sacristia, cuja baba peçonhenta distila mentiras e horrores, A Catedral e O Deserto, constituindo um repositório de literatice's religiosas, abriram-lhe as portas do tam decantado céu. É a Ressurteição, onde o Papa vai colaborar, dar-lhe há direito a sentar-se à mão direita de deus-padre... e a substituir o falecido bispo de Beja.*

*Pobre Manuel Ribeiro! Quem te viu, rubro de cólera, a gritar contra deus e contra os padres, e quem te vê, agora, a querer beijar... o anel ao Papa... Se é que não lhe beijarás outra coisa que ele te indicar...*

## PRINCÍPIOS REVOLUCIONÁRIOS

### ACÇÃO VIOLENTA

DEVE CONVERGIR NUM ATAQUE DIRECTO E AGUERRIDO CONTRA AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS BURGUESES

Partidários duma vida igualitária, onde o amor fraternal seja a base da sociedade, não podemos deixar de manifestar a nossa repulsa por determinados actos de violência que ultimamente vemos de ser cometidos.

Esses actos não teem justificação possível: manifestam isenção completa de ideal e pouca consideração pela vida dos nossos semelhantes.

Certos desvalrados, covardes, incapazes de, altivamente, sacrificar-se por um ideal, entreteem-se, no escuro da noite, sem consideração por coisa alguma, a cometer actos que revoltam a quem viva um ideal de Humanidade.

A violência para alguns exaltados, cuja exaltação provém da inconsciência, está tornada num sistema.

As teorias de emancipação humana não são positivamente teorias de destruição inconsciente.

Tem-se usado e abusado da violência. A violência não é um fim, é um meio, que só é justificado quando tenha a norteá-lo um fim determinado, numa palavra o objectivo.

A explosão continua de bombas em nada influi para a transformação social, antes irrita cada vez mais não só os nossos adversários, como também os ignorantes.

Poder-nos não objectar que em certas ocasiões a bomba chama a atenção daqueles que tapam os ouvidos às reivindicações proletárias.

Em parte é certo, mas também é verdade que o estado social não se modifica por isso.

Queremos com isto dizer que condenamos a acção violenta? Evidentemente que não!

Ela é necessária quando empregada ao serviço duma ideia, quando enfim seja justificável.

Quantas vezes se não encontram no campo da luta social obstáculos que convém derubar?

Apesar de muito respeitarmos a vida humana, justificamos a eliminação dum tirano, dum verdugo, que pelos seus crimes já não pertencem à espécie humana.

Somos também de opinião que todo o revolucionário, deve

saber manejar uma arma, ser audacioso, colaborando em todas as revoltas contra as instituições, ao lado do povo e sem hesitações.

O que não admitimos é a violência empregada sem um fim determinado, porque ela é, assim, uma arma de dois gumes.

O emprêgo desta arma de dois gumes vem ferir, muitas vezes, mais certamente o que a emprega do que aquele que se pretende atingir.

Não é a exaltação, a cegueira na prática de actos violentos, que pode prestigiar a ideia revolucionária.

A exaltação é produto de má educação; eduquem-se os partidários absolutos da violência e reconhecerão, cada vez menos, a necessidade do seu emprêgo sistemático.

Condenamos abertamente toda a destruição inconsciente e pregamos a defesa aos ataques da autoridade e o derrubamento de obstáculos que entravam a evolução humana.

E assim somos pela violência contra a violência.

(De «O Despertar»)

## EXCURSÃO Á POVOA DE VARZIM

NO DIA 29 DE JULHO

EM COMBOIO ESPECIAL

Promovida pela Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores

Devem os trabalhadores de todos os misteres afirmar a sua solidariedade a tão grande iniciativa, para que em breve tenha realização prática o objectivo da Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores.

Preço do bilhete (ida e volta) 4\$00 Esc.

## PREVENÇÃO

O Secretariado da A. I. T., previne todos os camaradas e todas as organizações revolucionárias, sindicalistas, anarquistas, etc., de que quatro doutores húngaros, portadores de recomendações falsas, andam em viagem, de país para país, à custa dos camaradas de boa-fé. Esses vivedores, contam, já, no seu activo vários roubos que fizeram a diferentes camaradas.

Os nomes destes quatro escrocs, são: FRANZ MAYER, BELA MEREY, ALADAR SZANTO e LADISLAS SOS.

(Pede-se a reprodução em toda a imprensa operária)

## Nestor Makno

Recordáis-vos! Foi ele que salvou a Ucrânia de cair nas mãos dos alemães. Chegava da Sibéria, libertado pela Revolução. Amava a justiça e a liberdade. Por isso levou, atrás de si, todos os camponeses ucranianos. Com eles, derrotou Denikine, Petlura, e os bolcheviques de Trotski. Amava a liberdade. Queria ver a Ucrânia anarquista, e não burguesa ou bolchevista.

Foi vítima de toda a traição. O governo dos soviets caluniou-o. Chamou-lhe *bandido*. E todos os acólitos do comunismo-autoritário se fizeram eco dessa infâmia.

Por fim, o governo bolchevista trançou a calúnia, firmando alianças com o *bandido* para lutarem contra Wrangel. Venceu Makno; e quando menos o esperava, os exércitos vermelhos, seus aliados da véspera, caíram traiçoeiramente sobre as suas forças. Morreram muitos, outros fugiram; Makno ficou só. Vagueou pela Ucrânia, chegou à Bessarábia e entrou na Roménia. Diplomáticamente, o Governo dos Sovietes procurou fazer-lhe o maior mal possível.

Agora, Makno, está preso na Polónia, e vai ser julgado por delitos forjados dentro dos gabinetes da diplomacia secreta da Rússia e da Polónia.

Que o mundo saiba, Makno, o herói da Ucrânia, cantado pelos poetas o querido dos camponeses; Makno, o defensor dos judeus, a raça acusada e errante, é possível que sofra uma condenação infamíssima. Talvez a cadeia, talvez a morte, porque o ódio branco e o ódio vermelho combinam-se para exercerem o seu canalhismo: a sua autoridade.

Que o mundo saiba. Que o mundo conheço de onde vem o odio e trama. Que ele tenha consciência de que caluniar Makno foi um crime; e que é um crime inventar uma acusação para o levarem à barra do tribunal.

Que o mundo saiba. Que tenha na devida consideração os jesuitas da revolução e da reacção.

Que o mundo salve Makno!

## COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Encontra-se à venda na redacção de «A Comuna», este interessante folheto de Chueca, edição do grupo «Humanidade Livres».

Preço \$20; pelo correio \$30.

## APRECIACÕES

## "La Garçonne,"

*La Garçonne* é o título dum livro que, como todos sabem, custou ao seu autor — o escritor-burguês, sr. Vitor Margueritte — a sua irradiação da Legião de Honra e a sua expulsão da Academia Francesa, da qual, cremos, era presidente honorário.

¿Que é *La Garçonne*? Que tese revolucionária defende? ¿Que moral nova e subversiva nos apresenta? Esta novela, ¿que crime comete contra os santos convencionalismos sociais para que o seu autor sofresse um castigo tam duro?

A nosso ver, o castigo infligido a Vitor Margueritte não provem só da *Garçonne*. Ali, andou coisa... O verdadeiro motivo do castigo encontra-se no facto de Margueritte ter qualificado duramente, num outro livro, a inépcia dos generais franceses ao deixarem-se enrolar facilmente pelos alemães, no principio da «grande guerra»; e ter criticado, depreciativamente, a fuga, de Bordeaux, dos homens do governo, no momento de maior perigo. Esse livro *La Terra Natale* (A terra-natal), que já lemos, não encerra, nas páginas onde alude àqueles acontecimentos históricos, nenhuma coisa que pudesse originar semelhante *vindicta*, a não ser que os políticos, que são como os caranguejos, tenham uma susceptibilidade por demais excessiva.

Mas, pouco nos importam, as causas reais da medida disciplinar do Grande Conselho da Legião de Honra! e não é isto o que queremos comentar, mas sim a obra que foi objecto de tam ruidoso escândalo.

¿Qual é o argumento de *La Garçonne*? A emancipação da mulher!

Mónica Lerbier, filha dum industrial que enriqueceu durante a guerra, é a noiva dum jovem, Luciano, rico também, a quem, na inocência da sua alma, — e antecipando-se à cerimónia que os uniria legalmente — se entrega, dando-lhe, assim, uma prova eloquente do amor que lhe consagra.

Dias antes da data fixada para o seu casamento, Mónica, que não ignora as amantes que tem Luciano, pede-lhe, numa entrevista, para que lhe diga se já abandonou, como prometera, todas as mulheres que tinha, porque recebeu umas cartas

anónimas que lhe provam o contrario, deixando-a muito inquieta:

— Meu Deus, Luciano! Tenho que te fazer um pedido.

— Pronto. Vamos a êle.

— Não te rias; é sério.

— Dirás.

— Peço-te que nunca me mintas.

— Sempre a mesma cantiga! ¿Sabes que me enfadas?

— Perdoa-me, Luciano. Puz em ti, religiosamente, toda a minha esperança. Sofreria muito se recebesse um desenganol... Para mim, e já to disse, só há, no mundo, uma coisa imperdoável entre um homem e uma mulher que se amam. E' a mentira... O lôgro!... E, quando digo lôgro, entende-me: pode-se perdoar um êrro, uma falsidade, se, aquele que o comete, tem a coragem de o confessar, mostrando-se arrependido. Mas, uma mentira, é imperdoável. E' degradante, é baixo, é inadmissível... Peço-te que me desculpes, porque estou um pouco nervosa. Ao regressar a casa, recebi uma carta anónima, da qual te direi isto, unicamente: queimei-a e não acredito em nenhuma palavra das que ela continha.

Luciano franziu o sobreceenho e disse tranquillamente:

— Fizeste mal em queimar essa imundície! Talvez tivesse indícios interessantes, ainda que servissem, apenas, para confundir o autor dela... Mas, sejam quais forem as coisas que te escrevem, não preciso de te jurar que é tudo falso!

— Mónica tapou-lhe a bôca e continuou:

— Não acredites, nem por um instante...

Já tranquilo, Luciano assegurou-lhe:

— Desde o dia em que me concedeste a tua mão, eu entreguei-te, em troca, um coração fiel.

E, baixando um pouco a voz:

— Desde ontem, és a minha mulherzinha.

Mas, na véspera do enlace, Mónica surpreende Luciano, acompanhado dum das suas amantes. Ao ver que êle a enganou tam miseravelmente, um sofrimento mortal começa a martirizar-lhe o coração. E, impelida por desejos de vingança, vem para a rua, disposta a romper o seu compromisso matrimonial. Ela anda, sem rumo, pela cidade; tem o espirito trans-

tornado por uma idea fixa: Luciano enganou-a. Pois bem — ela enganará Luciano; e, enganada há com o que tiver a mão; contando-lhe tudo, depois, para que a sua vingança seja completa. Tornará, assim, o seu casamento impossível.

A sua attitude insólita pela rua, chama a atenção dum policia. Mónica observa isso e chama um automóvel. No momento em que ia a abrir a porta e a subir para o carro, uma mão cãl sobre a dela, e um individuo, com o chapêu na mão, cheirando-lhe a uma aventura, oferece-se para a acompanhar. E, sem esperar resposta, mete-se no auto, sentando-se ao lado dela. E, neste ponto, começam os sucessivos relatos, com o respectivo ataque à «praça forte». Mónica, repudia as propostas, com uma bôfetada. Então, o desconhecido agarra-se a ela e beija-a sucessivamente na boca. Mónica não resiste: pensa na sua vingança e quer que ela seja completa. E, aqui, vemos, os dois, sairem do automóvel e entrarem numa hospedaria. O que se segue depois, conta-o Margueritte com tantos detalhes, cada qual o mais realista, que o leitor fica a saber tudo.

Depois, há o regresso a casa dos pais; a confissão que ela faz à mãe do acto levado a cabo com o desconhecido. E' sua intenção — diz — inteirar Luciano daquilo que fez, vingando-se, desta maneira, da felonía dele. Madame Lerbier indigna-se e aconselha, assim, a filha:

— Mas, desgraçada; se se tens algum filho?

Mónica fica pálida.

— Um filho? Muito bem: criá-lo hei e educá-lo hei. Eis tudo.

—...¿Queres um conselho? Guarda, só para ti, essa tolice... Se te calares, desde que ela não foi vista nem é conhecida, pode ser reparada.

— Oh! mamã!

— ¿Escrúpulos com Luciano? Com um homem que foi o primeiro a enganar-te? Ora adeus. O que deves é casar-te, já, com êle.

— ¿Ainda que lhe dê um filho doutro homem?

— Isso é só uma suposição.

— Mas, se for uma realidade?

— Nunca o saberá. De maneira que...

— Cala-te, mamã. O que me propões, é ignóbil.

Ao separar-se de sua mãe, Mónica recebe ordem para se apresentar ao papá. Este, por razões de dinheiro, quer que Luciano seja seu genro. Posto ao corrente da situação e das ideas da sua filha, fica furioso; e, usando da sua autoridade de

pai, procura, sem o conseguir, impor a sua vontade. Nisto, entra Luciano, e produz-se a scena culminante.

— Jamás me casarei — grita Mónica. Nem contigo, nem com nenhum outro. Quem te fala, não é a tua mulherzinha — é a mulher! Entendes? Uma mulher... Entreguei-me a outro, antes de entrar em casa, onde minha mãe me esperava.

— Mónica!...

— Não me interrompas. ¿Porque fiz isto?... para que entre nós dois, exista um abismo insondável.

Luciano tenta falar. Mónica não o deixa.

— O passado, destruíste-lo, malbarataste-lo. ¿Abandonei-me a ti? ¿Que importa? E, sobretudo ¿que te importa? Nunca nutriste por mim a mínima afeição... Eu? eu não te odeio, não; mas, se soubesses como te desprezo!... ¿Que se dirá de tudo isto? E as consequências? Mas eu rio-me delas, e até me rio da sociedade. Repudio-a. Rompo com ela para viver como mulher, como... como tu nunca poderás viver... Rompo com a sociedade para viver como uma pessoa honesta. Adeus!...

Assistimos, pois, à vingança da menina enganada por aquele em quem depositara, confiante, a sua branca fé de noiva. ¿E como se vinga Mónica? Entregando-se, num quarto de hotel, ao primeiro homem que se lhe atravessa no caminho. Compreender-se-ia que ela procedesse assim, com a premeditação de nivelar situações falsas e indecorosas, casando-se com Luciano. Ele, enganou-a; ela enganou-o também. Era a reciprocidade na ofensa, que coloca, ambos os pé juros, no mesmo pé de igualdade. Até aqui a tese, se bem que seja muito vulgar, poderia sustentar-se. Mas, é propósito de Mónica romper, como efectivamente rompe, com o pretendente a sua mão. Quem é que fica prejudicado com este seu acto extremo? Ela e só ela, visto que Luciano nada sofre com a aventura da sua ex-noiva. Como se observa, é difícil de compreender esta mentalidade de mulher que aspira à vida de liberdade e de respeito por si-própria.

Depois, ¿como é que Mónica principia a sua conduta de pessoa honesta? Atirando-se, de olhos vendados, ou por outra, bem abertos, ao torvelinho da corrupção mais abjecta... Conhece, um, depois outro, todos os amores, incluindo os mais repugnantes. Revolve-se no ambiente da crápula e da libertinagem, entregando-se aos vi-

culos mais infames e degradantes. que o literato, pai espiritual d'este tipo singular de mulher «emancipada» descreve com rara complacência, até que, depois de ter provado, durante muitos anos a sua heroína, casa-a com um professor de filosofia, que se encarrega de a redimir do seu mais borrascoso passado.

Tal é, em síntese, o que Victor Margueritte propõe, como vida de pessoa honesta, e exemplo de mulher emancipada. Não sabemos se o campeão francês da causa feminista sofreu muitas dores de cabeça ao *parir* semelhante abôto literário. Agora, se ele desejou um êxito de livraria, não pôde conseguir-lo mais satisfatório, a julgar pela venda que, dizem, atingiu centenas de milhar de exemplares. Mas, quem fica roubado, é o ingênuo leitor; porque, supondo que vai encontrar, naquelas páginas, ideias e pensamentos de alto vôo para regiões de beleza e de verdade, enganase. A desilusão não pode ser mais amarga; e, terminada a leitura, constata-se, mais uma vez, o vácuo e a esterilidade que resulta da magia dos escritores burgueses de mais fama, quando opinam acerca da cura dos grandes males colectivos que, como o da dependência feminina, perturbam fundamentalmente a harmonia íntima das sociedades civilizadas, cura já indicada por pensadores do povo, os quais, sedentos de justiça social, proclamaram, embora numa maneira desprovida do brilhante verniz da intelectualidade com que se apresentam os pseudo-reformadores, marca Vitor Margueritte, — que, sem a independência económica, não pode haver emancipação, quer seja feminina, quer seja do outro sexo.

Esta visível penúria de ideias do autor de *La Garçonne* prova muito claramente que a sociologia revolucionária é uma ciência que permanece herméticamente fechada ao seu intelecto. E não pode ser doutro modo. Bom nacionalista, respeitando a legalidade e todos os privilégios que constituem o distintivo da classe parasitária, Vitor Margueritte, coração evidentemente acessível à piedade, mas rebelde aos programas radicais dos libertários, só poderá divagar, a seu modo, sobre a moral em curso. Por isso, nunca fará obra forte e sã, que indique, com valentia, o que se deve fazer para que se esfaçem as pesadas cadeias que atam o ser humano a normas sociais; que consultam mais as conveniências materiais dos homens do que o verdadeiro bem ético, no livre

jogo dos sentimentos naturais.

A substituição completa do actual estado de coisas, que é de coersão, de violência, ao livre jogo dos sentimentos individuais, — por outra ordem de ideias e de factos que deixe, a cada um, inteira independência de movimentos para laborar, conseguir, por si próprio, a sua felicidade, eis o que é necessário para que a mulher encontre realmente a sua emancipação, e, por conseguinte, a sua felicidade no integral bem-estar do corpo e do espirito, alijando a prática da perversão sexual, que é uma determinante de degenerescência física e mental, loucamente aconselhada pelo citado autor burguês.

PEDRO QUIROULE.

### Da Propaganda

## Em Guimarães

Depois do triste fracasso do 1.º maio, a comissão administrativa do S. U. Construção Civil aproveitando a data do 12.º aniversário, realizou uma sessão de propaganda no dia 25 do mês findo, na qual se fizeram representar todas as organizações locais, os Sindicatos Unicos de Construção Civil de Santo Tirso e Pôrto, a Federação da mesna indústria e a Grande Comissão de Propaganda.

Presidiu o camarada Barbosa, do Pôrto, que fez uma breve alocução que foi muito agradável. Badessi pela Federação, espraia-se em considerações sobre o Sindicato e a sua função social, pondo em relevo as irritantes desigualdades sociais.

Segue um camarada curtidor que, em breves, mas eloquentes palavras, mostra a hediondez dos crimes da burguesia.

Um jovem sindicalista da localidade, faz um apêlo aos trabalhadores, para que saíam da apatia em que jazem.

O delegado da Grande Comissão diz que não vai fazer a anunciada conferência para que foi convidado e intitulado: «O Sindicalismo como factor da Revolução» dando algumas explicações sobre o carácter educativo das mesmas, que exigem um tempo para desenvolvê-las, do que não dispõe. Faz salientar a decadência do regime actual sob todos os aspectos.

Ad principiar a sessão foram profusamente distribuídos folhetos intitulados «O Rei e o Anarquista».

No final foi tirada uma quete para os grevistas da Covilhã e presos por questões sociais.

## O PENSAMENTO REVOLUCIONÁRIO

### Ricardo Wagner

Deixemos, falar, o camarada *Siegfried*.

«Sob a influência imediata de Feuerbach, influência inegável até 1854 — embora a maior parte dos wagnerianos considerem essa influência como um erro passageiro e superficial (1) — Ricardo Wagner foi, pela sua natureza essencialmente artística, pelo seu carácter irredutivelmente independente — exactamente como se conheceu na sua exteriorização revolucionária — um verdadeiro anarquista interior. Anarquista não só pela sua arte superior e incompreendida, mas também pelo seu espirito aberto, sintético, profundamente humano e zeloso da sua individualidade no mais alto grau.

«Se me entregassem a terra — diz Ricardo Wagner no seu livro *Arte e Revolução* — para organizar a sociedade tendo em vista o bem-estar de todos, eu não poderia fazer mais do que uma coisa: deixá-la em plena e completa liberdade de se organizar por si própria. E esta liberdade produzir-se-ia espontaneamente, desde que destruíssemos tudo o que se opõe a ela: o Estado e as instituições que o amparam.»

Todavia, e para satisfação dalguns sectários, dalguns filósofos avariados pelo ensino religioso e mesmo para evitar qualquer equívoco, devemos dizer que o espirito revolucionário e anarquista de Ricardo Wagner foi, por fim, absorvido pelo pessimismo de Schopenhauer. Mas a sua última criação, «Parsifal», prova suficientemente que a conversão dêle não foi a apostasia dum homem cheio de honrarias e de riquezas, não; o «Parsifal» é a resultante do isolamento intelectual do artista, das suas decepções perante a realidade desconcertante, e, sobretudo, do seu espirito atávicamente místico e religioso. E foi isto, em suma, o que o impeliu, apesar da sua natureza revolucionária, à negação da vontade e ao sacrifício da acção.

Que importa essa mudança de ideias filosóficas! Consideremos o homem na época em que nos pertencia por inteiro e inspiremo-nos nele.

«Em 1848, Ricardo Wagner (1) Cf. Lichtenberg. — Ricardo Wagner

defendia principalmente a liberdade do amor, os direitos da inspiração e a independência da actividade. E' por isso que se esforçou heróicamente, por aniquilar, esfacelar, demolir — pela anarquia natural da sinceridade e pelo carácter revolucionário do sentimento imediato, as obrigações do juramento, os laços do matrimónio e as leis da propriedade (1).

Com o advento dos tempos novos — de que nos fala Lichtenberger, ao citar o artigo publicado por Rockel, no *Volkslaetter* — Ricardo Wagner mantém ainda o espirito anarquista mais puro, mais específico e mais absoluto. — «Eu sou a sublime divindade» — exclama, êle, ao falar da Revolução. «Eu destruirei o poder do Estado, da Lei e da Propriedade. Que o homem tenha por único amo a sua própria vontade, por única lei o seu próprio prazer, por único haver a sua própria força, visto que não há nada mais sagrado do que o *homem livre, belo e forte*. Sobre êle, nada mais pode existir (2).

O que Ricardo Wagner quer é o *homem livre, belo e forte*: «que a Revolução lhe dê a Força, a Arte e a Beleza.

E é isto precisamente o que quer a Anarquia.

(1) A. Levy — *A Filosofia de Feuerbach*.

(2) Cf. Lichtenberger. — *Ricardo Wagner, poeta e pensador*.

## Movimento sindical

### CLASSES EM GREVE

Terminou numa forma pouco honrosa a greve dos operários refinadores de açúcar. Porquê?

Porque não lhe assistia justiça na reclamação? Não!... Porque a sua energia e acção não foi de molde a impôr-se à ganância e egoísmo dos industriais de refinação.

Também se encontram em greve a especialidade de Prata do S. U. Metalúrgico. A nossa solidariedade é o que a todos os desprotegidos oferecemos.

Associação de Classe dos Carregadores de Terra e Mar do Pôrto e Gaia. — Para comemorar o seu quarto aniversário, efectua hoje este organismo sindical uma sessão solene na sua sede à rua Arménia, 34-2.º, pelas 15 horas. Para que a sua festa resulte brilhante, este organismo fez convite a todos os Sindicatos operários, Juventudes Sindicalistas e grupos de afinidade.

## O ESTADO

... Pertencemos ao Estado; declara Lintilhac, o mais pesado dos pedantes. E o tardio escolástico cita Aristóteles: Poeta, Igreja ou Estado, toda a autoridade gosta de apoiar-se em autoridades. Onde achar melhor que Aristóteles, doutor da escravatura, cortezão macedónio e preceptor de príncipes como Bossuet? A política tirada de Aristóteles não difere muito da política tirada da Escritura sagrada.

Estado ou Igreja, os individualistas não sentem necessidade de escolher. O nosso inimigo é o nosso amo. E porque, com efeito, deveríamos preferir aos rigores cheios de unção e jesuitismo, as barbarias rígidas? Em que é que o amo novo é superior à velha ama?

Pertencer a alguém parece sem inconvenientes a Lintilhac. O importante, o que deve encher-nos de alegria ou de dor, é o nome de alguém. Escravos, vamos, já isso tamanho mal, se sois meus?

Em vão protesto: «Não quero pertencer a ninguém. O Estado e a Igreja — são sempre homens.» Ah! perdão, replica o senador, *distinguo*: o Estado sou eu, a Igreja são eles. *Distinguo*, acrescenta ele; a Igreja, apague! homens de sotaina; o Estado, oh! vitória! homens de casaca. Viva a casaca, meus senhores: é ela que constitui o espírito moderno. E, depois, essa gente não cobre a cabeça como nós, abaixo o solidéu!

Clemenceau, que desperdiçou a sua vida na política, mas que, em hora tarda, parece querer pôr-se a pensar, refuta Lintilhac com a mesma facilidade e o mesmo nojo com que se esmaga um persevejo. Mostra que o Estado é, como a Igreja, um ídolo sangrento, um Moloch devorador. Imediatamente esses bons republicanos, que são imbecis mediante finanças e que o seriam de tam bom grado grátis, desatam a gritar os seus novos *distinguos*. Ah! sim, repete o coro das fás que quere um rei, o Estado doutrora merece todas as injustiças. Mas o Estado de hoje merece todas as adorações.

Muito bem, há um verdadeiro Estado, como há uma verdadeira religião. Obrigadô por tam bela lição, senhores doutores à dois centavos a linha!

Ah! este Clemenceau, que ingrato! fala do Estado actual,

do bom Estado que nos distribui fundos secretos, exactamente como falaríamos de Tibério ou de Luís XIV. E, todavia, que diferença, meus senhores! Esse imperador e esse rei eram máus. Mas o Estado de hoje... Sériamente, ainda vos imaginais no tempo das dragonadas?

Redigi depressa os vossos manuais de história, queridos Lorientes republicanos. Urge que vossos filhos conheçam as preciosas diferenças. Contalhes como Tibério mandou trucidar o povo em Fourmiés, na Martinica, em Chalons. Mostralhes, numa gravura autêntica, Luís XIV conduzindo o assalto à Bolsa de Trabalho e batendo com o seu augusto punho para tornar Lofond tuberculoso.

Aqui está o mais divertido defensor do Estado. Sim, com efeito, mais divertido que o próprio Lintilhac e ganhando melhor as suas nove mil libras de renda, aqui está o sr. senador Delpech. Esse segregou, sem esforço, pérolas dum oriente...

«O que o sr. Clemenceau se obstina em não ver — irrita-se o perspicaz Delpech — é que a medida que desenvolvemos as instituições republicanas, evoluímos para uma diminuição constante do Estado *governador de homens*. A esse poder coercitivo substituímos progressivamente, segundo o preceito de Augusto Comte, o Estado, *administrador das coisas*. Por sua essência, este último já não ameaça ninguém.»

Notai que se tratava, em toda esta história, de dar ao Estado o monopólio do Ensino e da Educação... Ail não o tinha então já, ao menos para os rapazes, desde que todos na escola da caserna aprendam disciplina e obediência passiva? Notai que se tratava de condenar todas as crianças a não sei quantos anos de caserna preventiva. E' o momento que o ariégês Delpech escolhe para nós gabar o Estado *administrador das coisas*. Decididamente, avernheses ou pirineanos, todos esses enviados das montanhas são águias e sabem que as crianças constituem, como os homens, boas *coisas* para administrar e explorar.

Fica entendido: nós somos, em qualquer idade, matéria administrativa. Mas, se acreditarmos em Delpech, que cita Augusto Comte, como Lintilhac cita Aristóteles, é como o meu cura cita São Tomás, a evolução vai fazer-nos presente duma nova forma de adminis-

tração. Desgraçadamente, a evolução social já nos fez um presente análogo: civilizou os nomes em vez das realidades; e essa lembrança torna-nos indiferentes aos exercícios filológicos do pedante senatorial.

Ouotrora havia senhores de escravos *governadores de homens*. Hoje, oh! alegria! há só capitalistas *administradores das coisas*. O que quere dizer que dantes administravam-se chicotadas e hoje administra-se a fome. Porventura já algum dia se conduziram os homens a não ser pelas coisas, criadoras de esperança e de temor, de prazer e de dores? Porventura o que é senhor das coisas não é senhor dos homens? Salvo alguns privilegiados, estamos todos ligados à gleba ou à oficina. Se a gleba ou a oficina não nos pertencem, que nos importa o sermos explorados e administrados com o nome de escravos, com o nome de servos, com o nome de salarizados? Escutai: os Delpech, bem rendados pelas sucessivas organizações sociais, dizem-vos bom dia ao longo dos séculos: «Salvé família; salvé caríssimos irmãos em Jesus Cristo; salvé Povo soberano.»

O' Delpech, inimigo do Solidéu clerical, tio do Barrete lei-go, desprezamos-te como um jesuita de hábito curto e hipocrisia longa... Perdão! mas gosto de tutear os cães e os senadores... Desprezamos-te moral e intelectualmente, ó pouco subtil fabricante de *distinguos*. Porque um administrador de coisas, é um governador de homens mal disfarçado. Antes queres comêr-nos com molho administração de coisas do que com molho governo de homens.

Todos os gostos estão na natureza; e é-te permitido admirar a evolução da cozinha. Mas exageras talvez quando exiges do rebanho dos comidos um balido de aprovação...

HAN RYNER.

(De *L'Ennemi du Peuple*).

## Rifa dum automovel

E' irrevogavelmente no próximo dia 16 de Junho que se realiza o sorteio do automovel, cujo produto reverte a favor do porta-voz da organização operária *A Batalha*.

Previnem-se, portanto, todos os camaradas que ainda queiram adquirir bilhetes de que ainda temos alguns à venda nesta redacção, devendo fazer os seus pedidos imediatamente.

Opinião de Upton Sinclair sobre Bartolomeu Vanzetti

O conhecido escritor norte-americano, Upton Sinclair, autor de numerosas obras, das quais se destacam o «Jimmy Higgins», «Metropolis», e «Livro da Vida», escreveu ao Comité de Defesa, após a visita a Bartolomeu Vanzetti, a carta que a seguir transcrevemos:

«Passei uma hora no cárcere de Charlestown, Mass, com Bartolomeu Vanzetti. Tenho conhecido muitos agitadores radicais de todas as escolas, de todas as raças e credos, e julgo que me posso considerar um perito experimental de desta espécie particular de homens. Ofereço o meu testemunho ao Tribunal da Opinião Pública, de que este humilde operário é precisamente aquele que ele diz ser: um idealista, um apóstolo da nova ordem social. Para o considerar capaz dum roubo e dum homicídio, devo considerar-me culpado, a mim mesmo. Vanzetti leu a minha novela «Jimmy Higgins», e conheci claramente, que se identificou com a alma daquele mártir da classe operária, e que compartilhou de todos aqueles sonhos, sofrendo todas aquelas privações, e vencendo todos aqueles terrores. Ele é, na verdade, a encarnação de Jimmy Higgide, assim como de milhares doutros homens, que esculpiram em seus corações, que a vida não tem valor sem a liberdade, e que a justiça para todos os oprimidos do nosso sistema social é a divindade da sua própria vida.

Agora poderei dizer alguma coisa sobre o perigo que representam as nossas leis e o governo, pelo facto de que aqueles que obram em seu nome conspiraram com deliberado propósito, para mandarem ao suplicio um tal homem. Porém depois de se ter falado com Vanzetti, não se pode pensar em sistemas legais. Pode-se somente pensar no homem. Este nosso irmão cordial, bravo e leal, deve ser salvo, a sua preciosa vida não deve terminar nas mãos do carrasco. Pediu-me um livro italiano, que tratasse — de que coisas jurídicas? Não da maneira de fazer bombas, ou da forma de usar dinamite. Das táticas de guerra de classes? Oh! não. Do modo de fazer versos. Quere escrever um canto, para despertar os trabalhadores de Itália.

Eu digo aos trabalhadores da América. Arrancai este homem das grades da prisão, dai-lhe um livro de prosa, e deixai-o escrever o seu canto ao futuro.»

LEDE

## A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organização operária portuguesa

# SCIENCIA

VULGARIZAÇÃO SCIENTÍFICA

## ★ ASTRONOMIA ★

(CONTINUAÇÃO)

A astronomia não é somente uma ciência matemática. É um corpo de doutrinas que abre novos horizontes ao espírito humano em toda as suas complexas manifestações.

### GALILEU (1)

#### A queda dos corpos

No capítulo II dissemos que a causa que faz cair os corpos para a Terra tem muita analogia com a que retém a Lua na sua órbita. Se estas forças são de facto da mesma natureza, os corpos colocados ao nosso alcance à superfície da Terra devem ser atraídos como outros tantos pequenos satélites, quer dizer: em conformidade com as leis de Newton (2).

Que nos dizem estas leis?

A primeira afirma-nos que todos os corpos devem ser atraídos para o centro da Terra. E' com efeito, o que mostra a direcção de todos os movimentos em queda livre.

A segunda diz-nos que a atracção exercida pela Terra sobre cada corpo está na razão inversa do quadrado da distância entre esse corpo e o centro do nosso globo. Mas, nos estreitos limites em que podemos observar a queda dos corpos, a sua distância do centro da

Terra pode ser considerada como invariável. (1) Resulta disto que a atracção exercida pela Terra sobre um corpo que cai, pode, sem erro sensível, ser considerada como constante; e, por conseguinte, que o movimento dos corpos em queda livre deve ser um movimento uniformemente acelerado. Ora, a experiência justifica esta consequência das leis de Newton. Galileu, antecédendo as teorias newtonianas, tinha já constatado este facto por meio do plano inclinado. E, depois de Newton, numerosas experiências foram verificadas.

Enfim, a terceira lei de Newton ensina-nos que os corpos terrestres, da forma como estão, à mesma distância do centro da Terra, devem todos tomar o mesmo movimento quando se abandonam em queda livre.

Assim todos os corpos, tanto os mais leves como os mais pesados, devem cair com a mesma velocidade. Em verdade, esta solução parece à primeira vista pouco conforme com os resultados da observação; todos sabem que uma pena cai mais lentamente que uma bola de chumbo, mas não se deve atribuir a demora da pena senão a resistência do ar, resistência que é maior para ela do que para o chumbo; dentro dum tubo de vidro a que se tenha extraído o ar, observa-se que o chumbo e a pena caem ao mesmo tempo. E' uma experiência que nunca deixa de fazer-se nos cursos elementares de física. Está portanto bem estabe-

(1) Matemático, físico e astrónomo italiano. Nasceu em Pisa no ano de 1563. Descobriu as leis do pêndulo e suas aplicações na relojoaria. Inventou o termómetro e a balança hidrostática. Estabeleceu os princípios da dinâmica moderna. Constatou em Veneza o primeiro óculo astronómico (1609). Proclamou—depois de Copérnico—que era o Sol e não a Terra o centro do nosso sistema planetário, afirmação, que por ser contra as escrituras sagradas, lhe valeu muitas perseguições da Igreja e da Inquisição que o teve preso, obrigando-o a abjurar aquele princípio (1663), o que o salvou da fogueira. Morreu cego no ano de 1672. E' lhe atribuída a frase italiana: *E pur si muove* (E' contudo ela — a Terra — move-se).

(2) Ilustre matemático, físico, astrónomo e filósofo inglês. Nasceu em Woolsthorpe no ano de 1642. Tornou-se imortal pelas descobertas das leis da gravitação universal e da decomposição da luz. Morreu em 1727.

(1) O raio da Terra (distância da superfície ao centro) mede cerca de 6.000 quilómetros. Mesmo fazendo experiências a 300 metros acima da superfície, não haverá erros de cálculo apreciáveis, dada a insignificância daquela altura perante o raio do globo terrestre.

lecido pelos factos que todos os corpos abandonados em queda livre tomam, no vaeuo, movimentos idênticos. E por aí se confirma mais uma vez a hipótese de que a força que faz cair os corpos é análogo à que força a Lua a girar em torno de nós.

(Continua)

## Da Itália

A União Sindical Italiana, vem, por este meio, participar a todo o proletariado os novos crimes da «justiça» Mussoliana contra os seus membros mais activos. Trata-se do processo contra numerosos camaradas das organizações camponesas da Apúlia, por terem participado da insurreição contra os bandos fascistas, em Abril de 1920, isto é, há três anos.

O processo foi julgado em Trani, no mesmo tribunal onde, em 1874, o júri absolveu os Internacionalistas inculcados na insurreição de Benavento, e na qual Errico Malatesta foi uma das figuras salientes. Mas, a Itália de hoje, é bem diferente. As condenações elevam-se a 20 e 30 anos de prisão! Assim, Gabriel Vicenzo foi condenado em 20 anos de cativeiro; Gianni Giuseppe, em 19 anos; Gelano Salvatore, igualmente em 19 anos; e Mecalano Giuseppe e Venditti Brasili, em 30 anos cada um!

Estas vítimas do ódio fascista são bem dignas da nossa solidariedade.

Por uma resolução do governo italiano anterior ao bandidismo de Mussolini, o Primeiro de Maio tinha sido decretado como *dia de festa nacional*. Mas o governo fascista, querendo «inutilizar» este *dia de festa*, entendeu que uma, ou duas penas das suas, seriam mais que suficientes: o 1.º de Maio lá se ia à viola! Em sua ajuda vieram logo os grandes industriais, cuja organização declarou, na imprensa, que, apesar dos contractos colectivos entre patrões e sindicatos conterem o *direito de folga* no dia 1.º de Maio, os patrões não estavam dispostos a cumprir semelhante cláusula; e, assim, esse dia era considerado, por eles, como um dia de trabalho normal.

Tudo isto — a reacção em geral, o Knout de Mussolini, os sindicatos fascistas criados a ferro-e-fogo — devia, certamente tranquilizar o grande renegado. Mas... alguém desmanchou a festa. E, como alguém desmanchou a festa, constatou-se que, em Milão, por exemplo, se ma-

nifestaram, no dia 1.º de Maio, 80 por cento dos operários; e que, nos centros principais do país, uma grande percentagem do proletariado se manifestou, também, não trabalhando nesse dia. Foi a grande mensagem da Itália operária ao mundo revolucionário.

As organizações patronais reuniram-se no dia 2 de Maio para resolver sobre as medidas que seria necessário tomar para castigo dos operários que não acataram o ukase imperialista de Mussolini. E a Confederação Geral do Trabalho, que segue a orientação reformista, desejosa de compartilhar nessas medidas, acabou por reconhecer a legitimidade delas, isto é, terminou por aplaudir o gesto dos patrões contra os operários «madracos», — os operários que não trabalharam no dia 1.º de Maio. E, qual foi esse gesto? Muito simples: como revindita, os patrões ficaram com 50 por cento do salário diário de cada operário!

Triste aliança, a de Mussolini e os patrões com uma organização que se denomina «operária».

Mas, do reformismo socialista, nada há a estranhar...

## Vida Anarquista

Grupo de Propaganda

Libertária

Este grupo Anarquista, nas suas últimas reuniões, deliberou efectuar, em breve, uma *tournee* de propaganda na cidade e nos campos, deliberação que foi traduzida em bases e será antes de ser levada a efeito, submetida à apreciação dos grupos e dos camaradas isolados, em reunião, que terá lugar no dia 5 de Junho, em local que o grupo previamente comunicará.

Grupo Anarquista CLARIDADE

Este grupo iniciou já os trabalhos para a formação dum sistema de relações internacionais com organizações anarquistas e centros de cultura. Por intermédio da imprensa revolucionária e anarquista, e dos jornais e revistas esperantistas, comunica que recebe correspondência em português, espanhol, francês, inglês, alemão, italiano e esperanto, repondendo, porém, apenas em português, espanhol, francês e esperanto. Correspondente: David de Carvalho, Rua das Olarias, n.º 68-4.º, Direito, Lisboa — Portugal.

## Caleidoscópico

### Comunistas e governo

O governo da Índia acaba de proibir, nos territórios que estão sob a sua fêrula, a entrada das publicações da A. I. T., de Berlim.

E a Comissão Executiva da Confederação Geral do Trabalho Unificada, de França, resolveu que todas as comunicações da mesma Associação Internacional fossem censuradas por ela.

Felizmente, que a C. E. da C. G. T. U. ainda não governa a França. Se governasse... que grande espiga...

### Uma Confederação

#### I. Americana

No último Congresso da Federação Operária Regional da Argentina (F. O. R. A.) foi resolvido criar um laço confederal entre todas as organizações sindicalistas revolucionárias da América Central e da América do Sul, englobando, assim, num único organismo federativo, as federações sindicalistas da Argentina, do Uruguai, da Bolívia, do Perú, do Chile, do Brasil e do México.

Segundo *La Protesta*, de Buenos Aires, no 2.º Congresso Internacional dos Trabalhadores, o movimento operário americano será representado por uma delegação homogênea, delegação saída da totalidade das nuances que defendem a constituição da Confederação Internacional Americana.

### O sistema capitalista

Traduzimos duma revista burguesa:

«Nos tempos modernos, não há, em nenhuma povoação da Europa ou da América, um povo que viva em tão más condições económicas como o povo da Venezuela.

«Os operários industriais, vivem, nas principais cidades, como porcos em cortelhos: nem sequer possuem aquelas pequenas comodidades indispensáveis à limpeza de que carece todo o ser humano. A alimentação daqueles miseráveis trabalhadores compõe-se, exclusivamente de cereais mal cozidos acompanhados de pão de milho muito mal manipulado.

«A condição dos operários do campo é muito pior que a dos operários das cidades, podendo afirmar-se, sem receio

de desmentido, que esses operários constituem o proletariado mais infeliz da terra.

Na república da Venezuela não existe nenhuma liberdade política e social para o povo. O analfabetismo é quase total entre as massas proletárias. E o regime imperante tem um grande cuidado em impedir, por todos os meios, que esse estado de coisas se transforme.

O que nos diz, ilustre colega, não é mais do que a pura essência do sistema capitalista. E o que se observa na Venezuela, observa-se, em maior ou menor grau, em qualquer outro país. Esta é que é a verdade.

### Uma estatística

Nas minas do carvão da Bélgica trabalham 144.388 operários, dos quais 4.320 são estrangeiros: 1.690 franceses, 694 italianos, 198 polacos e 184 holandeses. Há também alguns grupos, pouco importantes, de alemães, russos, luxemburgueses, espanhóis, portugueses, ingleses e sérvios. Das raças coloniais há 577 da Argélia, 446 de Marrocos, e alguns do Congo.

Mas—diz a memória de onde extraímos estes números—há uma grande falta de braços nas minas, porque os operários belgas emigram constantemente do país. Só na região francesa de Roubaix—Tourcoing há 20 mil mineiros belgas. E não sabemos a que atribuir este êxodo.

Naturalmente é porque no país estrangeiro lhes pagam melhor os serviços. Os capitalistas industriais belgas que dêem mais dinheiro aos seus compatriotas, e verão como eles já não fogem do seu país... Que experimentem, e verão...

### Apesar da pata mussolinica!

O escrutínio das últimas eleições para o *Comité de Fábricas* da empresa italiana *Fiat*, despertou o mais vivo interesse. Os seus resultados eram considerados como uma prova de força que os fascistas possuíam no meio dos Trabalhadores Italianos. Afinal, os socialistas obtiveram 2.499 votos contra 1.145 dos fascistas; e o partido popular católico, obteve 347 votos contra 1.036 dos Comunistas e da extrema esquerda dos socialistas.

A pata mussolinica ainda assim não mete tanto medo como se supõe...

### Secho alegre

Um padre interrogando uma criança na escola:

— Que é fé?  
— Não sei — responde a criança.

— Pois bem—eu vou explicar-te: fé, é crer, acreditar. Se eu te disser que aquela caixa está cheia de abóboras, acreditas?

— Acredito — contestou a criança.

— Então, vamos a saber: que é fé?

A criança responde-lhe, imediatamente:

— Uma caixa com abóboras...

## O sentido em que somos anarquistas

por Miguel Bacunine

É uma oportuna e recomendável edição agora feita pela *Biblioteca de A Sementeira*.

Um exemplar, \$30—Pelo correio \$40.

Descantos aos revendedores e Grupos de Propaganda.

Pedidos a esta administração ou à *Biblioteca de A Sementeira* — Cais do Sodré, 88—Lisboa.

Emílio Chapellier

## PORQUE NÃO CREIO EM DEUS

Ao preço de 1\$00 (1\$000 reis) já se encontra à venda este excelente folheto de propaganda.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, e de mais \$20 para porte do correio, podem ser dirigidos, para o Apartado 17—Pôrto.

### CORREIO DE "A COMUNA"

LISBOA—*Joaquim Paiva Conde*.

Recebemos 5 escudos. Pode pagar n' *A Batalha*.

PORTO—*António Ferreira da Costa*.

Recebemos mais 1\$50, que destinamos 1\$00 para assinatura e \$50 cent. para a subscrição voluntária.

AFRICA—*Alberto Armindo Almeida*.

Recebemos 10\$00 francos. Fica pago até ao n.º 29.

## Secção de Livraria de "A COMUNA,"

(BIBLIOTECA DE «A COMUNA»)

### PREÇÁRIO DE LIVROS E FOLHETOS À VENDA

MALATESTA—Entre Campos	\$30	NANSEN—A Fome na Rússia	\$30
Idem—Programa S. A. Revolucionário	\$15	GLADIATOR—A Questão S. no Brazil	\$80
CONTENT—Contra o Confusionismo	\$15	ETJEVANT—A Minha Defeza	\$10
DELLAISI—Os Financieiros, os Políticos e a Guerra	\$15	L. DE REZENDE—Mundo Agoniante	\$50
J. C. SOUSA—A Propriedade Privada	\$20	Tradução—A Maçonaria e o Proletariado	\$30
HAMON—A Crise do Socialismo	\$40	J. EBERT—Os I. W. W. na Teoria e na Prática	\$150
KRAPOTKINE—A Mocidade	\$30	A. Las Consciências Honradas	\$20
Idem—Bastidores das Guerras	\$15	B. LUX—O Sindicalismo e os Intelectuais	\$50
MELLA—O Princípio do Fim	\$10	F. LUZ—Nós e os Outros	\$20
LANDAUER—A Social D. na Alemanha	\$10	SAAVEDRA—Memórias do Exílio	\$50
VARIOS AUTORES—A Novela Vermelha	\$25	Ações de «A Batalha»	\$100
Idem—«La Vero» (Revista)	\$10	América (Sacco e Vanzetti)	\$50
FAURE—Doze Provas da Inexistência de Deus	\$50	RECLUS—A Evolução Legal e a Anarquia	\$30
ETTOR—Unionismo Industrial	\$30	CHUECA—Como não ser Anarquista?	\$20
N. VASCO—Geórgicas	\$15	A. GUERRA—O Proletariado Histórico	\$75
Idem—Concção Anarquista do Sindicalismo	\$200		

PELO CORREIO:—Para Continente, Espanha e Ilhas, mais \$10. Para Africa e Estrangeiro, mais \$40. — Não se atendem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância.

Pedidos: "A COMUNA"

Apartado, 17—Porto

"A BATALHA"  
Calçada do Combro, 38-A-2.º—Lisboa